

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)  
CAMPUS AVAÇADO DE PATU (CAP)  
DEPARTAMENTO DE LETRAS (DL)

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NA CONTEMPORANEIDADE: O CASO DE UMA  
ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE.**

PATU  
2016

SUÉDNA MAGDÁLIA MAIA PEREIRA DE MEDEIROS

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NA CONTEMPORANEIDADE: O CASO DE UMA  
ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE.**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), Curso de Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, como requisito parcial da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela professora Ma. Larissa Viana.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Gorete Paulo Torres.

PATU  
2016

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas e  
Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M488e Medeiros, Suédna Magdália Maia Pereira de .

O Ensino de Gramática na contemporaneidade: o caso de uma escola do interior do Rio Grande do Norte / Suédna Magdália Maia Pereira de Medeiros - 2016.

44 p.

Orientadora: Maria Gorete Paulo Torres. Coorientador:

Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Letras, 2016.

1. Gramática. 2. Ensino. 3. Contemporaneidade. I. Torres, Maria Gorete Paulo , orient. II. Título.

SUÉDNA MAGDÁLIA MAIA PEREIRA DE MEDEIROS

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NA CONTEMPORANEIDADE: O CASO DE UMA  
ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO NORTE.**

Trabalho monográfico aprovado em defesa pública em \_\_\_\_\_ de dezembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria Gorete Paulo Torres (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN

---

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva (Examinador)  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

---

Prof. Me. Fernando de Azevedo Guedes (Examinador)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

*Aos que me amam, em especial, ao meu esposo Gaécio e aos meus amados filhos  
Luna Vitória e Marcos Samuel.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Autor da Existência, Aquele que permite que todas as coisas se concretizem, nosso único e verdadeiro Deus. Que nunca desistiu de mim, sua presença constante em minha vida me fez chegar até aqui.

Aos meus pais, que me apoiaram desde o início desse curso. Agradeço não somente pelo que me tornei depois do diploma, mas pelo que sempre fui. A vocês, que são exemplos de caráter e humildade.

Ao meu marido, Ecinho, que me apoiou sempre, dando-me forças e palavras de incentivo a conquistar meu sonho.

Aos meus filhos amados, Luna Vitória e Marcos Samuel, vocês são as maiores razões pelas quais lutei para chegar até aqui, meus amores, que tantas vezes, mesmo sem compreender o meu estresse e o porquê de tanta ausência minha, nunca deixaram de amar e me dar tanto carinho e amor incondicional, amor esse que serviu como combustível para me dar forças para continuar.

À minha querida sogra-mãe, sim! Minha segunda mãe. Quero dizer que sem você e sem o seu apoio eu não teria chegado até aqui. Você foi e é muito presente na minha vida, sempre cuidando não só de meus filhos como se fossem seus, mas também de todos nós, seu apoio foi muito importante para mim.

Jamais aqui poderia deixar de agradecer à minha querida orientadora, que a considero meu anjo, professora Mestre Maria Gorete Paulo Torres, por me ajudar a tornar esse trabalho uma realidade. Sou muito grata por abraçar minha causa e caminhar comigo. Com você, eu aprendi não só que “tinha uma pedra no meio do caminho”, mas, que podemos também enxergar “o caminho no meio das pedras”.

Aos sujeitos colaboradores desta pesquisa, também agradeço.

Ao meu querido professor e amigo Ananias Agostinho Silva, seu exemplo de profissional me faz acreditar que é possível se chegar a um alto nível de competência.

Aos professores da banca, que aceitaram o meu convite e aos professores desde o início do curso, que contribuíram para que pudesse chegar até aqui. Deus abençoe vocês!

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Além da Terra, além do Céu,  
no trampolim do sem-fim das estrelas,  
no rastro dos astros,  
na magnólia das nebulosas.  
Além, muito além do sistema solar,  
até onde alcançam o pensamento e o coração,  
vamos!  
vamos conjugar  
o verbo fundamental essencial,  
o verbo transcendente, acima das gramáticas  
e do medo e da moeda e da política,  
o verbo sempreamar,  
o verbo pluriamar,  
razão de ser e de viver.

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

Este trabalho faz uma reflexão sobre o ensino de língua na escola pública e se propõe a analisar como ocorre o ensino de gramática na contemporaneidade. Nesse sentido, a presente pesquisa, objetiva analisar a forma como o ensino de gramática é feito nas aulas de Língua Portuguesa de uma escola pública no interior do Rio grande do Norte. Para tanto, a metodologia adotada é a abordagem bibliográfica e é caracterizada também, como um estudo de caso, no qual é feita a pesquisa de campo, uma vez que tem por objetivo apresentar a prática docente do ensino de gramática em uma escola. Desse modo, foi feita uma pesquisa com o professor do nono ano do Ensino Fundamental II da rede pública de ensino, através de observações em sala de aula e questionários, a fim de averiguar como o professor lida com o ensino de gramática nas aulas de língua materna. Para o desenvolvimento deste trabalho nos ancoramos em vários estudiosos dos quais podemos citar Travaglia (2009), Bagno (1999, 2000), Matta (2009), Franchini, (1991), Antunes (2007) Silva (2004), entre outros, que discutem a temática, discutimos também, acerca do que os documentos oficiais apontam para o ensino de gramática, especificamente, os PCNs (2011). Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de formação docente de professores de Língua Portuguesa no que se refere à metodologia de ensino de língua(gem), mais especificamente de gramática. Pretende-se que essa temática não se esgote aqui, mas que seja um aporte para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Gramática, ensino, contemporaneidade.

## **ABSTRACT**

This work makes a reflection on the teaching of language in the public school and proposes to analyze how the teaching of grammar in the contemporaneity occurs. In this sense, the present research aims to analyze how the grammar teaching is done in the Portuguese Language classes of a public school in the interior of Rio Grande do Norte. To do so, the methodology adopted is the bibliographic approach and is also characterized, as a case study, in which the field research is done, since it has the objective of presenting the teaching practice of teaching grammar in a school. Thus, a research was conducted with the teacher of the ninth grade of Elementary School II of the public school system, through classroom observations and questionnaires, in order to find out how the teacher deals with grammar teaching in language classes Maternal For the development of this work we have anchored in several scholars of which we can cite Travaglia (2009), Bagno (1999, 2000), Matta (2009), Franchini, (1991), Antunes (2007) Silva (2004), among others, Discuss the subject, we also discuss about what the official documents point to grammar teaching, specifically, the PCNs (2011). The results of this research point to the need for teacher training of Portuguese Language Teachers regarding the methodology of teaching of language (gem), more specifically grammar. It is intended that this theme is not exhausted here, but that is a contribution for future research.

Keywords: Grammar, teaching, contemporaneity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>11</b>
1.1	Objetivos Geral e Específicos.....	12
1.2	Estrutura dos capítulos.....	12
1.3	Metodologia .....	13
<b>2</b>	<b>UM POUCO DE HISTÓRIA, CONCEITOS E REFLEXÕES ACERCA DE GRAMÁTICA E SEU ENSINO.....</b>	<b>14</b>
2.1	Um pouco do começo.....	14
2.2	Ensinar gramática da língua portuguesa para falantes nativos: o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais.....	18
2.3	Concepções de gramática.....	22
2.4	O ensino de gramática e suas implicações na atualidade.....	26
<b>3</b>	<b>O TRABALHO COM A GRAMÁTICA NA ESCOLA “CAMINHO PARA O SABER” .....</b>	<b>30</b>
3.1	Um olhar direcionado a prática do ensino de gramática.....	30
3.2	O que dizem os questionários?.....	35
3.3	Os achados na observação X os achados nos questionários.....	38
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>44</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos, o ensino de Língua Portuguesa tem sido refletido, analisado, questionado por vários sujeitos e instituições, haja vista que muitas implicações têm surgido no âmbito dessa atividade, principalmente quando se trata da questão de ensinar gramática. Muitos têm considerado que o trabalho com a Língua Portuguesa tem se constituído, cada vez mais, em algo complexo, que merece atenção e dedicação. Essa complexidade agrava-se quando o “assunto” em sala de aula envolve gramática. Talvez isso ocorra por se compreender a gramática como um conjunto de regras usadas para determinado uso da língua, não somente culta, mas também suas variantes não padrão.

Dessa forma, o ensino de gramática torna-se objeto de estudo e crítica por diversos estudiosos da língua, pela forma como vem sendo trabalhada. Geralmente a gramática é apresentada de forma descontextualizada, primordialmente de modo prescritivo, no qual as regras gramaticais são impostas de acordo com a tradição, a chamada Gramática Normativa, que permanece fortemente nas práticas educacionais de ensino de Língua Portuguesa. Tais regras são repetidas anos a fio, ditas como “corretas” e “boas” a serem imitadas.

O ensino de gramática, na educação básica é um dos campos de investigação que muito se questiona em relação à formação do professor e às práticas pedagógicas, dando uma maior importância aos aspectos relacionados a como vem ocorrendo e como deveria ocorrer esse ensino.

Assim, na tentativa de contribuir com as reflexões já existentes sobre a temática em pauta, decidimos realizar esta pesquisa com o intuito de compreendermos como ocorre o ensino de gramática na escola pública e quais suas contribuições para a formação do sujeito contemporâneo. Especificamente, verificaremos como ocorre o ensino de gramática na contemporaneidade<sup>1</sup> numa dada escola, analisando quais as concepções de gramáticas são utilizadas/valorizadas nas aulas, para assim compreendermos como ocorre o ensino de gramática na escola pública contribui para a formação do aluno. Para o desenvolvimento deste trabalho nos ancoramos em vários estudiosos dos quais podemos citar Travaglia (2007,2009), Possenti (1996), Matta (2009), Franchini (1991), Antunes (2007) Silva

---

<sup>1</sup> O que acontece na época presente.

(2004), Bagno (1999, 2000, 2011), entre outros, que discutem a temática, bem como nos documentos oficiais Parâmetros Curriculares Nacionais “terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental” (2001).

O campo de investigação, no qual foi realizado esse estudo, é uma escola pública de uma cidade do interior do Estado do Rio Grande do Norte, a qual daremos um nome fictício, bem como aos sujeitos colaboradores desta pesquisa. Assim, a partir de agora, ao nos referimos à escola, a chamaremos de Escola Municipal Caminho do Saber. A série escolhida foi o nono ano do ensino fundamental II. O professor observado receberá o nome fictício de Francisco Nogueira. Nosso corpus é constituído por notas de corpus que foram construídas na observação realizada na sala de aula mencionada, ou seja, nossas anotações dos procedimentos e acontecimentos durante a execução das aulas, bem como um questionário aplicado ao professor de Língua Portuguesa da referida turma.

### **1.1 Objetivos:**

- **Geral:**

- Compreender como ocorre o ensino de gramática na escola pública, e quais suas contribuições para a formação do sujeito contemporâneo.

- **Objetivos específicos:**

- Verificar como ocorre o ensino de gramática na contemporaneidade;
- Analisar quais os tipos de gramáticas são utilizados/valorizados nas aulas;
- Compreender de que forma o ensino de gramática na escola pública contribui para a formação do sujeito contemporâneo.

### **1.2 Estrutura dos capítulos**

Para melhor situarmos o leitor, dividimos este trabalho em três partes principais:

O capítulo teórico, o qual traz uma discussão acerca da temática, ancorado em estudiosos da área;

O capítulo de análise, que apresenta nossas impressões sobre os achados de nossa pesquisa;

E por último, temos nossas considerações finais, que refletem os resultados da pesquisa e, assim, tenta responder as inquietações que impulsionaram este trabalho.

### **1.3 Metodologia**

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a bibliográfica. Segundo Marconi Lakatos (2010) “pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões diferentes”.

Quanto à caracterização dessa pesquisa, é um estudo de caso, podemos afirmar que a mesma é de cunho qualitativo, pois como afirma Minayo (1994, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantitativo. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim como toda pesquisa qualitativa, nosso trabalho procura valorizar os aspectos sociais e psíquicos dos sujeitos pesquisados, tentando ampliar as relações pessoais e interpessoais, transformando o contato em um aprendizado contínuo e significativo, não cessando apenas a processos quantitativos que pouco contribuem na evolução do ser humano em amadurecimento cognitivo. Com isso não se pode quantificar o desenvolvimento como algo estático e reduzido.

## **2 UM POUCO DE HISTÓRIA, CONCEITOS E REFLEXÕES ACERCA DE GRAMÁTICA E SEU ENSINO**

Neste capítulo, inicialmente, trataremos um pouco da história do ensino de gramática, como ele surgiu, refletindo sobre sua origem, suas definições, a quem se dirigia, e qual a função da gramática normativa na atualidade. Depois, tratamos do ensino de Língua Portuguesa evidenciando o ensino gramatical a partir do que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais no Brasil.

Em seguida, com o apoio de estudiosos da língua, trazemos conceitos e implicações sobre o ensino de gramática, falamos dos conceitos de gramáticas, no que se refere aos usos e objetivos de ensino.

### **2.1 Um pouco do começo...**

Para que possamos compreender, analisar e até mesmo criticar o ensino de gramática da Língua Portuguesa, é preciso conhecer sua origem, sua história, bem como seus objetivos e assim, entendermos um pouco mais sobre nossa língua. Começaremos então com o que nos diz Matta (2009, p. 23), sobre o fato de não podermos nos esquecer de que “a história dos homens é a história de sua língua da mesma forma que a história de sua língua marca a história dos homens que as falam”.

Através da nossa língua pensamos, nos comunicamos e interagimos com os outros. Língua é sabedoria, cultura e o grande patrimônio de um povo. Portanto, falar sobre uma língua, é falar de sua cultura, de sua história, de um povo.

As primeiras gramáticas da língua portuguesa surgiram exatamente na época em que o Brasil foi descoberto, em 1500, como nos mostra Bagno (2011, P. 115, 116), “a partir da colonização o português foi implantado como língua oficial. Os padres jesuítas vieram ao Brasil com a missão primeira de catequizar os índios, daí surge o interesse de criar um modelo padrão da língua”.

Seguindo essa linha de pensamento, os jesuítas invadiam as terras, conquistavam, escravizavam e impunham sua língua e sua religião. Depois, outras gramáticas foram surgindo pela necessidade de preservar a língua das mudanças, dos falares bárbaros, conhecidos como desvios da língua. A percepção da mudança linguística foi um dos principais motivos para a criação de uma disciplina gramatical.

Surge, então, a preocupação com a preservação da língua, pelo fato de perceberem as diferentes variantes na língua em relação à variante clássica. Com receio que as tais variantes pudessem atingir e modificar a língua criou-se, então, a gramática da mesma, para garantir sua preservação e pureza. Como mostra Bagno (1999, p.56).

Quando o estudo da gramática surgiu, no entanto, na antiguidade clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder preservar as formas consideradas mais “corretas” e “elegantes” da língua literária. Alias a palavra gramática, em grego, significa exatamente “a arte de escrever” (BAGNO, 1999, p.56).

Essa forma de “preservar e corrigir” é levada à Roma pelos gramáticos latinos e se transfere pela tradição para o mundo ocidental, no caso, para o nosso país através de Portugal. Nessa época, vivia-se a fase do Renascimento, uma volta aos modelos clássicos nas artes e nas letras, ou seja, os modelos gregos e latinos. Sobre isso, Franchini (1991) diz:

Assim é que se concebeu a nossa tão conhecida Gramática Tradicional (GT), como um conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecida pelos especialistas, com base nos usos da língua consagrada pelos bons escritores. (FRANCHINI, 1991, p. 48).

E sendo um conjunto sistemático de normas a serem seguidas ou até mesmo sendo imposta por aqueles que são especialistas ou bons escritores, precisamos entender que essa concepção de “bem falar e escrever” carrega um valor de uma determinada época que se estendeu como um valor da sociedade até nos dias de hoje.

Ai esta sua origem: “a arte do bem escrever” tinha o propósito primeiro que era o de ser uma espécie de manual voltado à língua literária. Gradativamente, esse manual passa a ser utilizado para manifestações gerais da língua escrita e também a ser utilizado como um “código de leis” para as manifestações formais da língua falada das “pessoas de bem”. (MATTA, 2009, p. 110).

Compreendemos, então, que esse “sistema” foi e continua a ser uma forma de controlar a língua e proteger de ameaças, como declínios e até mesmo desaparecimento. Além de ser uma forma de preservação da língua, é também envolvida a questões de interesses políticos, econômicos e sociais, nada melhor que utilizar a língua como forma de dominação. Como cita Antunes (2007, p.36), “em suma, foi sendo atribuído aos compêndios de gramática um papel de instrumento controlador da língua, ao qual caberia conduzir o comportamento verbal dos usuários, pela imposição de modelos ou padrões”.

Isso implica dizer que, através do domínio da língua, domina-se a população, facilitando assim, o desenvolvimento de interesses de quem governa. No caso do Brasil, a língua, desde o início da colonização, sempre foi instrumento ou meio de controlar os menos favorecidos. Faz bem lembrar que antes de impor a norma culta da língua, foi imposto primeiro pelos portugueses, a própria Língua Portuguesa. No Brasil, a nossa língua nativa teve sua origem no homem português, que, nas naus de Pedro Álvares Cabral, chega às terras brasileiras, no século XVI, quando encontrou o índio. Disfarçadamente, a Língua Portuguesa foi imposta pelos europeus, que diziam catequizar os índios, quando, na verdade, era mais uma forma de dominação e imposição da língua.

Toda a Gramática Tradicional (GT) do ocidente tem sua origem na vertente grega, depois latina, concebida em uma época de “defesa” da língua grega dos falares “bárbaro”, “corrompido”, em uma tentativa de preservar uma língua que se sentia ameaçada e, pela forma como surgiu, a disciplina gramatical se sentiu como exposição e imposição de padrões de comportamento linguístico. E essa ideia se manteve, ou melhor, se mantém. (MATTA, 2009, p. 110).

Até hoje, o tradicionalismo do ensino gramatical permanece. A língua culta ainda é considerada a forma correta de falar e escrever. O padrão culto da língua é imposto e exigido nas aulas de língua portuguesa. Nos livros didáticos pouco se fala ou pouco é abordado o ensino das variantes. A variedade linguística ainda é considerada “erro”, ou “desvio” da língua e, geralmente, associada a questões sociais, quem fala “errado” tem pouco estudo, ou é menos favorecido.

A gramática tradicional (ou prescritiva), na sua origem, ignora toda e qualquer manifestação da língua oral e, conseqüentemente, não atende à riqueza e às especialidades das outras variedades tão

naturais e ricas que compõem naturalmente uma língua. (MATTA, 2009, p. 111).

A gramática tradicional ou prescritiva considera a língua apenas pelo viés da variedade culta, considerando as outras manifestações da língua como “erro”. Nessa visão, se a língua utilizada pelo indivíduo for a culta, conquista um certo respeito diante da sociedade, mas se for diferente desta, o indivíduo passa a sofrer algum tipo de preconceito, pois não se encaixa nos padrões estipulado pela sociedade. Como critica Bagno (1999):

“A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais”. (BAGNO, 1999, p. 149)

Assim, se analisarmos a função da gramática para a nossa vida, perceberíamos que o ensino de gramática vai muito além de regras de bom uso da língua. Perceberíamos, também, que o papel da gramática não se delimita ao que lhe foi atribuído quando a mesma surgiu, o de preservar sua legitimidade e ensinar a língua culta.

A gramática precisa ser entendida como um instrumento, um suporte para se chegar ao entendimento do discurso. A principal função de uma língua é a comunicação entre os falantes. Matta, (2009, p. 112) diz que “o ensino de gramática deve ser inserido nestas questões de ler e escrever, pois, afinal, a gramática só é válida se servir de instrumento para esse fim”.

Apesar de, atualmente, a gramática ter novos conceitos e novos usos, ainda a gramática tradicional é muito presente na atuação de muitos professores e da sociedade em geral. Matta (2009), diz que:

Precisamos entender que essa concepção carrega um valor de uma determinada época e que se estendeu fortemente como um valor da sociedade. Portanto, temos que parar para pensar: em um país como o Brasil, com uma história comprometida socialmente, repleta de exclusões e de carência na educação de sua população, esse domínio ficava restrito a uma pequena faixa da escala social. (MATTA, 2009, p. 110).

Na atualidade, o ensino de gramática tradicional não dá conta mais da população que entra no universo escolar. Mudaram os tempos, mudaram as pessoas, mudaram também a forma de ver a língua, e por isso tem que ser mudada a forma como o ensino da língua é conduzido. É de suma importância o papel do professor pesquisador frente a essas questões de ensino tão discutidas na atualidade.

A certeza de que as línguas mudam com o tempo é facilmente percebida se compararmos, por exemplo, a carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal sobre a descoberta das terras brasileiras com um texto escrito hoje no Brasil. A língua sofre constantes modificações, portanto, não pode ser ensinada como formas fixas através de regras e nomenclaturas.

## **2.2 Ensinar gramática da Língua Portuguesa para falantes nativos: o que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais**

Pensar o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa tem sido um desafio para os estudiosos da área. Muito se tem questionado sobre esse processo tão complexo, mas, ao mesmo tempo, tão importante para formação/constituição do sujeito. Para dar suporte a essas discussões e mesmo as práticas de ensino da Língua Portuguesa, o Ministério da Educação – MEC criou em 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais, com objetivo de padronizar o ensino, estabelecendo questões fundamentais para servir de orientação para professores, alunos e gestores. Com a finalidade de constituir-se referência para as discussões curriculares da área e contribuir com técnicos e professores no processo de revisão e elaboração de conteúdo. Assim, as diretrizes são voltadas, sobretudo, para a estruturação e reestruturação dos currículos escolares de todo o Brasil, obrigatórias para as redes públicas e opcionais para as instituições privadas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 22), pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa como “prática pedagógica, resultante da articulação de três variáveis, a saber, o aluno, os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem, e a mediação do professor”. Portanto, entre o aluno e o aprendizado existe o professor e a instituição escola, que possui o papel de mediador, propiciando condições necessárias de aprendizagem.

Sobre os três elementos, o aluno, o conhecimento e o professor, os PCNs (2001) dizem que:

O primeiro elemento dessa tríade – o aluno – é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento – o objeto de conhecimento – são os elementos de conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento. (BRASIL, 2001, p. 22).

Assim, esse documento nos esclarece que é papel da escola, enquanto instituição social, proporcionar condições para que possam existir momentos de interação entre o professor e o aluno. Cabe a escola não apenas informar, mas também formar cidadãos capazes de interagir e pensar sobre as mais variadas situações. A escola sozinha não é responsável pelas transformações sociais, porém, é nela que acontece o processo de ensino e aprendizagem. É preciso, então, dar a devida importância à instituição escola, pois é nela que acontece a intervenção pedagógica.

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem. (BRASIL, 2001, p. 22).

Dessa forma, embasados no que dizem os PCNs de Língua Portuguesa, cabe ao professor planejar, orientar e selecionar o conteúdo de acordo com as necessidades particulares dos alunos e também a realidade em que os mesmos estão inseridos, já que somos conhecedores de que na sociedade atual muito se cobra do sujeito. Melhor dizendo, o professor precisa saber o que ensinar, para que e para quem, bem como se o que está sendo ensinado vai ser utilizado em sua prática social, haja vista que, no ensino de Língua Portuguesa, “o objetivo do ensino e, portanto de aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o

sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem” (BRASIL, 2001, p. 22).

Pensando assim, se faz necessário sabermos o valor da linguagem como instrumento de apropriação discursiva e interativa, estabelecendo caminhos através da linguagem utilizada nos mais diversos textos possíveis de afastar equívocos que costumam estar presentes na escola em relação ao texto. Geralmente, o texto é usado como pretexto para se ensinar tópicos gramaticais e, de acordo com os PCNs (2001, p. 27), “o texto deve contribuir para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a intenção, a extensão e a profundidade das construções”. Assim, o texto não deve servir apenas para análises gramaticais, introdução de regras postas pela gramática tradicional. Na verdade, os professores necessitam ir muito além de conteúdos puramente gramaticais, pois como Antunes (2007, p. 53) afirma, “não basta saber gramática para ler e escrever com sucesso, é preciso ir além do conteúdo gramatical”.

Vale observarmos que, certas atividades de Língua Portuguesa, mais especificamente sobre o ensino de gramática, acabam distanciando o que realmente é primordial para ser ensinado na linguagem, que é permitir uma interação, com a troca de sentido e de intenção, já que o objetivo primordial do ensino de língua corresponde a atividades discursivas, como afirma o PCN (2001):

Tomando a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produções de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva. (BRASIL, 2001, p. 27).

Portanto, deve-se ter em mente que a reflexão sobre o ensino de língua não pode ficar reduzida apenas ao trabalho sistemático com o ensino gramatical. O desafio é, portanto, proporcionar situações em que o texto seja o objeto de estudo e discussão acerca da linguagem e do seu uso.

Para os PCNs, “a atividade mais importante, pois, é a de criar situações em que os alunos possam operar sobre a própria linguagem, construindo pouco a

pouco, no curso dos vários anos de escolaridade, paradigmas próprios da fala de sua comunidade” (PCN, 2001, p, 28). Com isso, cabe ao professor ir aos poucos, em cada momento, em cada situação criada por ele, colocar atenção sobre similaridades, regularidades e diferenças de formas e de usos linguísticos, levantando hipóteses sobre as condições contextuais e estruturais em que se dão. Agindo assim, os professores terão a oportunidade de realizarem um trabalho que possa ajudar de maneira mais concreta o aluno com a apropriação com a língua/linguagem.

Dessa forma, podemos dizer que, para ir além de conteúdos gramaticais, é preciso procurar e explorar o conhecimento de outras áreas, pois além do conhecimento de gramática outros são necessários e pertinentes. Portanto, vale a pena reafirmar que a gramática é sim para ser ensinada, mas não apenas ela, como algo solto, sem significado concreto, mas como forma de fazer o aluno refletir sobre o uso da língua/linguagem, seus contextos, suas diversidades.

Refletindo sobre a gramática na prática pedagógica, os PCNs, dizem que, “na perspectiva de uma didática voltada para a produção e interpretação de textos, a atividade metalinguística deve ser instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua que o professor seleciona e ordena no curso do ensino-aprendizagem” (PCNs, 2001, p. 28). Desse modo, não se pode conduzir o ensino de gramática desarticulando das práticas de linguagem. É preciso ver a linguagem como instrumento articulador para o ensino e aprendizado efetivo da língua.

O modo de ensinar, por sua vez, não produz a clássica metodologia de definição, classificação e exercitação, mas corresponde a uma prática que parte da reflexão produzida pelos alunos mediante a utilização de uma terminologia simples e se aproxima, progressivamente, pela mediação do professor, do conhecimento gramatical produzido. (BRASIL, 2001, p. 29),

Isso implica deixar de lado a visão tradicionalista de ensino de gramática, cuja descrição, em muitos aspectos, não corresponde aos usos reais da linguagem, o que coloca a necessidade de busca de apoio em outros materiais e fontes. Os PCNs deixam claro que o que deve ser ensinado não corresponde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que

precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos.

Sendo assim, não se está defendendo a exclusão da descrição gramatical nas aulas de Língua Portuguesa, mas estabelecendo um parâmetro mais adequado para sua abordagem. Entre as críticas mais frequentes que se faz ao ensino tradicional no PCN (2001,) temos:

a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos; a excessiva escolarização das atividades leitura e de produção de texto; o uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais; a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão; o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas; e apresentação de uma teoria gramatical inconsciente – uma espécie de gramática mitigada e facilitada”. (BRASIL, 2001, p.18).

São essas e outras críticas que permitiram o surgimento de uma visão funcional da língua, ou seja, pensar na língua enquanto instrumento discursivo e não apenas como um sistema ou um código. O tratamento dos aspectos puramente gramaticais e da reflexão sobre os aspectos discursivos do funcionamento da linguagem são necessários, porém não são suficientes no que se refere à modalidade escrita e, sobretudo, na fala.

Não podemos desprezar as possibilidades que a reflexão linguística apresenta. Segundo os PCNs (2001, p. 78), “quando se toma um texto como unidade de ensino, os aspectos a serem tematizados não se referem somente à dimensão gramatical, dentro de um texto existe também o emprego das variedades linguísticas”. Não basta somente uma mudança de atitude frente ao novo modelo de ensino, a escola precisa cuidar para que não aconteça em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não é apenas uma questão metodológica, é também uma questão de considerarmos as exigências do ensino contemporâneo. O mundo mudou, as pessoas mudaram, a forma de ver o mundo e a língua também mudaram, assim, o ensino também precisa mudar.

### **2.3 Concepções de gramática**

Pensar no ensino de Língua Portuguesa, especificamente no ensino de gramática, nos leva a refletir ou mesmo questionarmos: O que é gramática? Como os principais estudiosos da língua conceituam a gramática? Para tanto, mais uma vez, nos debruçamos sobre estudos já existentes e verificamos que, de acordo com Travaglia (2009, p. 24), se a questão é o ensino de gramática, é preciso dizer também o que se entende por “gramática” e, de acordo com cada concepção, o que seria “saber gramática” e o que é “ser gramatical”. O autor apresenta três sentidos para essas expressões: no primeiro, a gramática é concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidos por aqueles que querem se expressar adequadamente. Sobre isso, Franchini (1991) diz:

Para essa concepção, que normalmente é rotulada de gramática normativa, “gramática é um conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores” e “dizer que alguém ‘sabe gramática’ significa dizer que esse alguém ‘conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente’”. (FRANCHINI 1991, p. 48)

Dessa forma, gramática, aqui, pode ser percebida como o que obedece, que segue as normas de bom uso da língua, configurando o falar e o escrever bem, ou seja, segue a norma padrão culta. Assim, Travaglia (2009) afirma que:

Nesse primeiro sentido afirma-se que a língua é só uma variedade dita padrão ou culta e que as outras formas de uso da língua são desvios, erros, deformações, degenerações da língua e que, por isso, a variedade dita padrão deve ser seguida por todos os cidadãos falantes dessa língua para não contribuir com a degeneração da língua de seu país. (TRAVAGLIA, 2009, p. 24).

Isso implica dizer que, nessa visão, a língua é considerada única, só existe um modelo a ser seguido; no caso, a variedade dita padrão e todas as outras variantes são consideradas erradas. Privilegia-se a norma culta e as outras formas são vistas como desvio que contribui para a degeneração na língua.

A segunda concepção apresentada por Travaglia (2009, p. 27) é a chamada “gramática descritiva”. Para o autor, essa concepção compreende a gramática ou

mesmo o estudo gramatical como um caminho voltado à descrição da estrutura e funcionamento da língua, de sua forma e função.

Gramática nessa concepção “é um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua, uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramática do que não é gramatical”. (FRANCHINI 1991, p. 52-53).

Assim, essa concepção defende que ter um conhecimento da gramática é compreender tudo o que atende às regras de funcionamento da língua de acordo com determinada variedade linguística. Nesse caso, essas regras seriam descrições dos fatos que ocorrem em determinadas variantes utilizadas pelos falantes na construção real de comunicação.

Sobre a terceira concepção, Travaglia (2009, p. 28) diz que a mesma considera a língua como um “conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação de interação comunicativa, percebendo a gramática como o conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar”.

Nessa terceira concepção, entende-se por língua não apenas um conjunto de regras a ser seguidas, mas também um conjunto de variantes que a sociedade usa. Nesse caso, língua é entendida como situação de interação verbal. É tudo o que o falante já aprendeu sobre a língua e faz uso dela. “Gramática corresponde ao saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológicas” (FRANCHINI 1991, p. 54).

Esse tipo de gramática corresponde à gramática internalizada da língua. Tem a ver com as questões históricas, sociais e econômicas do indivíduo falante. Ou seja, cada indivíduo carrega dentro de si sua própria gramática.

Nesse sentido, “saber gramática” não depende, pois, em princípio de escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo na própria atividade linguística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios de regras. (TRAVAGLIA, 2009, p. 28).

Não existem livros dessa gramática, pois ela é o objeto da descrição, daí porque normalmente essa gramática é chamada de “gramática internalizada”. Nessa concepção de gramática, não existe erro gramatical, o que existe é a inadequação da variedade linguística, por não atender as normas sociais de uso da língua, ou segundo Travaglia (2009, p. 29), “o que existe é a inadequação do uso de um determinado recurso linguístico para a consecução de uma determinada intenção comunicativa que seria melhor alcançada usando-se outro(s) recurso(s)”

Considera-se esse tipo de gramática internalizada a competência gramatical ou competência linguística que o falante possui. Isso implica dizer que o falante precisa saber, e sabe muito mais do que apenas regras gramaticais para saber se comunicar. Segundo Travaglia (2009) sobre o trabalho com a língua e conseqüentemente com a gramática, afirma que:

O professor deverá perceber que a gramática da língua é constituída por bem mais do que isso para conseguir fazer um trabalho efetivamente pertinente e produtivo no ensino de língua materna. Importa, pois, registrar, reafirmar e destacar aqui que a gramática internalizada é a que constitui não só a competência gramatical do usuário, mas também a sua competência textual e sua competência discursiva e, portanto, a que possibilita sua competência comunicativa. (TRAVAGLIA, 2009, p. 30).

É importante, também, que o professor perceba e considere que o ensino da língua não se restringe a determinação do certo e do errado, como já foi dito anteriormente, mas a reflexão sobre a adequação da linguagem a determinados contextos e de ser capaz de produzir efeitos pretendidos.

Ao desenvolver o ensino de língua materna e trabalhar especificamente com o ensino de gramática, é conveniente ter sempre em mente que há vários tipos de gramática e que o trabalho com cada um desses tipos pode resultar em trabalhos completamente distintos em sala de aula para o entendimento de objetivos bem diversos. (TRAVAGLIA, 2009, p.30).

Cada tipo de gramática tem suas especificidades e seus objetivos, cabe ao professor planejar a aula, de acordo com os objetivos a serem alçados e desenvolver o trabalho com a gramática de forma a atender esses objetivos.

O professor deve entender que a gramática da língua é constituída não apenas por regras de bom uso ou normas a serem seguidas e impostas, existe também a gramática internalizada, aquela que o falante já possui e que constitui não apenas a competência gramatical do usuário, mas também sua competência textual e discursiva e, portanto, possibilita sua competência comunicativa, que configura o que estamos defendendo aqui, a comunicação entre os falantes.

#### **2.4 O ensino de gramática e suas implicações na atualidade**

Vivemos em um mundo onde as transformações são constantes em todos os aspectos e isso não se difere dos aspectos educacionais, No Brasil. Atualmente, essas transformações são visíveis e, no tocante ao ensino da língua, têm ganhado destaque a forma como alguns estudiosos vê e até defendem o ensino de gramática.

Pensando sobre isso, podemos afirmar que sempre foi usual um ensino de gramática no qual considerava-se que a principal função da escola era ensinar os alunos a norma culta da língua portuguesa, ou seja, corrigir o “português errado”. Entretanto, sobre isso, Antunes (2007, p. 54) vem dizer que “não basta saber gramática, se língua e gramática se equivalem, saber gramática não é suficiente para uma atuação verbal eficaz”. Pautados nessa afirmação da autora, somos levados a acreditar que um dos maiores equívocos consiste em acreditar que a gramática é suficiente para desenvolver as competências linguísticas da língua.

No entanto, não se deve negar a importância dos conhecimentos gramaticais para a vida social e acadêmica dos alunos. “Fica sem fundamento, reduzir a condição para o uso da língua apenas, a uma competência de ordem gramatical. Ninguém fala, ouve, lê e escreve sem a gramática, é claro, mas ela sozinha é absolutamente insuficiente” (ANTUNES, 2007, p. 54, 55). Assim, precisamos ir além desse ensino considerado tradicionalista, na verdade a gramática é insuficiente. Podemos, assim, concluir que as noções gramaticais são apenas parte dos saberes indispensáveis as atividades da interação verbal, sendo necessário um ensino produtivo e contextualizado ligado à vida cotidiana do aluno, levando em consideração a aplicação desse estudo não apenas para passar de ano, mas para a prática da língua.

Segundo Bagno (2000, p. 87): "A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio

conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e a crítica da doutrina gramatical normativa".

A gramática, em si não justifica seu papel de única fonte para o ensino da língua nas escolas, tanto do ponto de vista teórico quanto do prático, nem tão pouco como o código normativo da linguagem. Como foi mencionada anteriormente, a gramática tem sua importância e é necessária, mas deve-se ter em mente que não é suficiente para a aquisição do conhecimento linguístico e discursivo. E, portanto, se torna relevante pensar na linguagem como ato discursivo, comunicativo e produtivo.

Segundo Travaglia (2009), o ensino de gramática nas aulas de português como língua materna tem, sem dúvida, um problema constante para os professores de Língua Portuguesa das escolas de Ensino Fundamental e Médio deste país. Estes, principalmente depois das constantes e reiteradas críticas ao ensino de gramática e também a própria teoria da gramática tradicional e a gramática normativa, sentem-se angustiados sobre o que fazer em sala de aula. Muitas vezes, o desnorтеio é tanto que os professores acabam não fazendo nada para melhorar suas práticas, ou seja, seguindo o tradicionalismo de ensino. O autor também afirma que:

A ansiedade de inovar ou parecer moderno nos leva muitas vezes a maquilar teorias e métodos antigos com aspectos superficiais de novas teorias e métodos, gerando não bons instrumentos de trabalhos, mas verdadeiras degenerações que mais perturbam do que ajudam, por não se saber exatamente o que se está fazendo. (TRAVAGLIA, 2009, p. 10).

Daí, um pressuposto óbvio de toda metodologia, mas no qual devemos insistir que, não há um bom ensino (no nosso caso, da Língua Portuguesa) e dos elementos que dão forma ao que realizamos em sala de aula em função de muitas opções que fazemos ou que não fazemos. Nesse sentido, as práticas pedagógicas que levamos para a sala de aula muito influem para o bom e o mau sucesso de ensino.

Lembremos que, para ir além da gramática, ou seja, além de um ensino tradicionalista, a escola deve empenhar-se também, de forma a ajudar e apoiar o professor nessa difícil, mais não impossível, missão. Em termos bem gerais, segundo Antunes (2007), podemos dizer que “estudar mais que a gramática leva a procurar explorar o conhecimento de outras áreas, de outros domínios e assumir a

certeza de que, ao lado do conhecimento da gramática, outros são necessários e pertinentes”. (ANTUNES, 2007, p. 65). Portanto, não tem fundamento a orientação de que a gramática sozinha é capaz de desenvolver as habilidades de leitura e escrita, bem como a primordial missão da língua, que é a comunicação, ou mesmo que não é para ensinar gramática.

De fato, trabalhar com a língua é, com certeza, um desafio, mas, é um desafio possível. Por isso é que devemos entrar na sala de aula, no trabalho com os nossos alunos, conscientes de que estamos diante de uma tarefa possível de ser realizada, de ser conquistada.

Como afirma Matta (2009, p. 20), “temos também que repensar sobre a realidade linguística do nosso país, sobre os diferentes falares existentes nesse imenso Brasil não podem ser considerados melhores ou piores”. Dessa forma, é importante ressaltar que ao pensar o ensino da língua materna, Silva (2004) nos diz que:

Nos primeiros anos de ensino, a diversidade linguística, o plurilinguismo de certas comunidades, o pluridialeto de todos deveria ser respeitado, cultivado, não só para favorecer o desenvolvimento natural da expressão oral, como também para não criar bloqueios que se tornam no futuro intransponíveis, não só na comunicação escrita, como também na oral. O convívio com dialetos dominantes se faria também e naturalmente também, sobretudo através da leitura, quando fosse o momento, e pelo confronto contrastivo, sem avaliações de certo ou errado, mas no sentido de adequação/inadequação a determinadas situações novas. (SILVA, 2004, p. 25).

Assim, não podemos negar que cabe aos professores de Língua Portuguesa ensinar a norma culta, sem desprestigiar todas as questões norteadas nas outras gramáticas, pois essas devem trabalhar aliadas, de forma contextualizada para que o aluno perceba como se dá o uso da Língua Portuguesa, principalmente na escrita. Aos alunos, cabe adaptação a essa nova perspectiva de ensino, deixando de lado a resistência de produzir elementos que certamente colaborarão para o aprendizado dessas normas, principalmente o texto.

No entanto, trabalhar com a Língua Portuguesa deve sempre ser representado pela conta de somar e não pela de diminuir, que exclui. Não se pode

simplesmente excluir o saber linguístico de cada falante, com a intenção de levá-lo a dominar o padrão culto idealizado.

Portanto, trabalhar com a língua materna na escola deve ser um instrumento de libertação interior e social, um elemento agregador, sem o tom impositivo daquele que impõe a norma de um dialeto dominante. Cabe ao professor ser o mediador desse saber, trabalhando de acordo com as necessidades linguísticas do aluno e, assim, tornar o ensino de gramática de fato proveitoso.

### **3 O TRABALHO COM A GRAMÁTICA NA “ESCOLA CAMINHO PARA O SABER”**

Neste capítulo, tentando dar conta de nossos objetivos e ao mesmo tempo respondermos nossas questões de pesquisa realizamos uma apresentação discursiva/analítica de nossa pesquisa, cujo corpus é composto por notas de *campo* que foram construídas na observação realizada na sala de aula mencionada, bem como de um questionário aplicado ao professor de Língua Portuguesa da turma pesquisada.

Assim, dividimos esse capítulo em três partes principais: a primeira, intitulada “Um olhar direcionado a prática do ensino de gramática”, traz uma descrição analítica das aulas observadas. A segunda, “O que diz o questionário?”, apresenta o questionário aplicado ao professor da turma pesquisada e analisa as respostas dadas pelo referido professor aos questionamentos realizados e, a terceira e última parte, “Os achados na observação X os achados no questionário”, traz uma “comparação” entre o discurso e a prática do professor.

#### **3.1 Um olhar direcionado a prática do ensino de gramática**

Nesta parte de análise serão apresentadas as aulas observadas. Para isso se faz necessário conhecer primeiro um pouco do ambiente escolar. A Escola Municipal Caminho para o Saber localiza-se na Rua Cícero de Paiva. É a única escola municipal existente na cidade, funciona pela manhã o ensino fundamental I, pela tarde o ensino fundamental II e a noite a Educação de Jovens e Adultos (EJA) de 6º ao 9º. Os alunos, ao concluir o fundamental II, são encaminhados para a escola estadual do município para cursarem o Ensino Médio.

A escola, na qual realizamos nossa pesquisa, possui onze salas de aula, todas são bem espaçosas, com centrais de ar, os banheiros femininos e masculinos possuem quatro compartimentos e com acessibilidade aos deficientes. A merenda escolar é de excelente qualidade, o pátio é enorme onde acontecem os eventos da escola e onde os alunos podem se divertir na hora do intervalo. Possui biblioteca e bibliotecário, sua estrutura é bem conservada e atende as necessidades especiais do município, recebendo alunos especiais com sala e professor exclusivo, possui trinta e um professores, uma diretora e uma vice diretora, quatro secretárias, dois datilógrafos, e quinze ASGs. No turno da manhã possui cento e noventa e um

alunos, a tarde cento e quarenta e quatro alunos, e a noite, onde funciona as turmas de EJA, são matriculados cento e vinte alunos, ao todo são quatrocentos e oitenta e cinco alunos.

A sala observada se trata do nono ano do ensino fundamental II e possui vinte e cinco alunos. O professor recebeu o nome fictício de Francisco, sua formação é de Pós-graduação em Pedagogia, é formado há dez anos e leciona a disciplina há doze anos. As aulas no nono ano acontecem nas terças-feiras, quintas e sextas, são cinco aulas semanais. Observamos cinco dias, totalizando nove aulas de Língua Portuguesa, nas quais o professor trabalhou a gramática utilizando leitura de textos, a gramática do livro e atividades diversas.

Observamos as aulas do professor Francisco para obtermos um olhar analítico sobre suas práticas de ensino de gramática, sua metodologia e verificar como ocorre o ensino de gramática, que conteúdos ele trabalha, se é de forma contextualizada ou tradicionalista, a fim de comparar suas práticas e o seu discurso sobre gramática e ensino de língua.

### **PRIMEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO**

Aulas do dia 15/09/2016, quinta-feira - Ao iniciar a aula percebi que todos se acomodaram em suas carteiras e o professor perguntou se fizeram o exercício que ele havia pedido na aula passada, muitos tinham feito, apenas alguns não o fizeram, e ele logo em seguida fez correções no quadro e comentários sobre as questões. O assunto era verbo e regência verbal.

O professor perguntou para a turma o que é verbo, poucos responderam que “verbo é a palavra que exprime uma ação”, “verbo é a palavra que exprime ação, estado, ou fenômeno da natureza”. O professor coloca: “E regência verbal, quem sabe?” se verbo é o que traduz o movimento, o estado e a transformação, ou fenômeno da natureza, regência verbal é o que? Um dos alunos leu a descrição no livro que dizia: “A regência verbal estuda a relação correta (no sentido prescritivo) que se estabelece entre o verbo “termo regente” e seu complemento ou seu adjunto “termo regido”. O professor colocou no quadro o seguinte exemplo “Isto pertence a todos”. Explicou que “pertence” é o termo regente, e “a todos” é o termo regido. Acrescenta dizendo “Como já disse na aula sobre regência nominal, regência é, a relação sintática que se estabelece entre um termo regente ou que é subordinante

que exige outro, e o termo regido ou subordinado pelo primeiro. Assim, quando o termo regente é um verbo, a regência é verbal, e quando é um nome, a regência é? Nominal.” Todos responderam.

Depois ele colocou no quadro o seguinte exemplo:

“A mulher agradava o filhinho”. E pediu para que os alunos identificassem e classificassem o verbo e o seu complemento. Depois ele explicou o porquê que o verbo era transitivo direto e por isso que seu complemento tinha que ser um objeto direto.

O professor demonstrou ter bastante domínio de conteúdo e de sala. Os alunos são bem disciplinados e bastante participativos, pois, a todo instante o professor faz questionamentos e eles estão sempre interagindo.

No entanto, obsevamos que, o método que o professor utiliza ainda se fixa na ideia de uma abordagem gramatical muito prescritiva, seguida pelo livro didático. Os exemplos de frases foram retirados de um texto da aula anterior, onde o texto foi usado como pretexto para ensinar os tópicos gramaticais. Portanto, observamos que embora ele não seja totalmente tradicionalista, esse método prescritivo de ensino, que pede para identificar e classificar classes gramaticais é considerado arcaico e tradicional.

## SEGUNDO DIA DE OBSERVAÇÃO

O segundo dia de observação foi no 16/09/2016, sexta-feira – o assunto foi sobre os conectivos. O professor iniciou expondo todas às dez classes gramaticais no quadro, e pede para os alunos identificar os conectores. Os alunos respondem em voz alta que são eles os “advérbios, conjunções, e preposições”. Depois o professor pergunta a definição de cada classe gramatical.

Explica que os conectivos servem para ligar palavras, ideias ou orações, permitindo construir frases complexas, ou seja, construindo sentidos. Diz que, embora a conjunção seja a classe de palavras mais usada para esta função, também os pronomes, as preposições, os advérbios e até os verbos servem para ligar orações.

Não é difícil perceber como tem sido o ensino de gramática. Parece que o ensino de gramática tem sido primordialmente prescritivo, que como vimos, são estabelecidas de acordo com a tradição, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Nas aulas

observadas, sentimos de atividades de produção e compreensão de textos. Observamos também, uma supervalorização no ensino de gramática teórica para identificação e classificação de categorias, relações e funções dos elementos linguísticos, formação e flexão de palavras, regras de regência e concordância que, segundo os autores citados nesta pesquisa, pouco contribui para desenvolver a competência comunicativa dos alunos. Assim, percebemos que o ensino da gramática normativa tem sido bastante valorizada e privilegiada.

### TERCEIRO DIA DE OBSERVAÇÃO

Aulas do dia 20/09/2016, terça-feira – nesta aula, o professor continuando o conteúdo da aula passada, aprofundou o assunto sobre os advérbios. E começa perguntando o que é e para que servem. Explicando e exemplificando no quadro, pede para os alunos darem outros exemplos de frases em que se usam os advérbios, em seguida, perguntou o que esses advérbios exprimem, dá ideia de que, qual sentido dele na frase. Depois os próprios alunos apresentaram outros exemplos, construindo frases, e aplicando na prática o que foi aprendido. Dessa forma, os próprios alunos pouco a pouco caracterizava cada advérbio nas frases colocadas.

Depois o professor advertiu que há uma pequena semelhança entre os advérbios e os pronomes indefinidos, como por exemplo, a palavra “muito” que pode aparecer como advérbio e como pronome indefinido. Explicou ainda, que os advérbios referem-se a um verbo, adjetivo, ou a outro advérbio e não sofrem flexões.

A aula foi bastante interativa, onde os alunos a pedido do professor citavam frases em que usavam os advérbios. Alguns ficavam meio envergonhados, restritos, não querendo participar, mas o professor insistentemente os instigavam a dar exemplos e participarem da aula.

Parece que o professor estava ancorado no que diz Rubem Alves (2004), quando afirma que a função primordial de um professor é instigar o estudante a ter gosto e vontade de aprender, de abraçar o conhecimento. Em entrevista ao Revista Digital, o educador e pesquisador fala como o professor deve agir em sala de aula. Para Alves o mestre tem que provocar e estimular o estudante. “A missão do professor não é dar respostas prontas e sim provocar a inteligência, o espanto e a curiosidade no aluno”. E depois, de ser o mediador desse fato. Segundo ele, o

professor deve ser o mediador do conhecimento no processo de ensino/aprendizagem, fazendo com que o aluno aprenda a descobrir o mundo, para que se tenha paixão naquilo que se está aprendendo.

#### QUARTO DIA DE OBSERVAÇÃO

Aulas do dia 23/09/2016, sexta-feira – nesta aula o professor fez a revisão dos conteúdos abordados nas Olimpíadas de Língua Portuguesa, onde os alunos teriam que escolher entre os gêneros crônica e memória para produzirem um texto em que o tema era “O mundo onde vivo”. O professor falou um pouco sobre esses gêneros, explicando suas características e suas especialidades, no que se refere ao uso dos verbos por exemplo, em memórias.

Vale salientar que, o professor já havia trabalhado esses gêneros antes, e ele só estava reforçando o conteúdo para ajudar na escrita dos alunos, já que eles teriam que produzir um dos textos para participarem das Olimpíadas de Língua Portuguesa, onde teriam que ser escolhidos dois melhores textos, um de cada gênero. Primeiro ele explica que o gênero literário “memórias” propõe resgatar, por meio do encontro com as memórias de pessoas mais velhas, a história da comunidade onde essas pessoas vivem como também lembranças, costumes, etc.. Explicando que o gênero “memórias” relaciona-se com o que passou, ou o passado, os verbos usados quase sempre virão nesse tempo verbal. O professor deu orientações para que os alunos buscassem histórias de pessoas mais velhas para produzirem seus textos, ou seja, fizessem uma entrevista sobre um relato de memória.

Sobre a crônica, ele diz que é uma narrativa geralmente curta, salientando que por ser um gênero que tem relação com a ideia de tempo e consistir no registro de fatos do cotidiano, ela narra a história seguindo a ordem cronológica e conta os fatos de acordo com a visão de quem escreve. Depois disse que os alunos lessem em casa a crônica do livro didático da página 110 que tinha como título “Assim caminha a humanidade” para discutir na próxima aula.

Enfim, essa aula foi mais uma revisão dos conceitos desses gêneros na tentativa de ajudar os alunos na escrita dos textos que eles enviariam para a seleção nas Olimpíadas de Língua Portuguesa.

## QUINTO DIA DE OBSERVAÇÃO

Aulas do dia 27/10/2016, quinta-feira- iniciou-se a aula com o texto do livro didático, especificamente um artigo de opinião, que se encontra na pagina 107, com o tema “Paz social”. O professor explica para os alunos a importância do ato de ler, dizendo que a leitura abre as portas para o mundo e que através dela, eles aprenderiam novos vocabulários e também a fazer o uso da linguagem de forma mais adequada às situações, ou seja, quanto mais se ler, mais aumentamos a capacidade comunicativa.

Após a leitura compartilhada do texto, eles comentaram sobre o que se trata o artigo de opinião. Em seguida responderam oralmente o entendimento do texto. Discutiram sobre cada questão, cada um dos alunos disse o que entendeu. O professor fala sobre o “mas” como ideia de oposição no texto e que também é a partir daí que se percebe a situação/problema que o texto envolve. É interessante compartilhar com os outros colegas as respostas, assim vi que cada um tem sua própria conclusão sobre o assunto.

Depois resolveram as questões sobre “reflexão sobre o uso da língua”. Também é interessante observar que o livro trás o entendimento do texto e depois a parte de reflexão, ou seja, de gramática. Refletindo sobre o uso da língua. Percebemos que mais uma vez se fez uso da gramática tendo o texto como base. É a partir do texto que o professor trabalha os tópicos gramaticais e os elementos de coesão e coerência textual. Sobre a coesão textual ele diz que usando os recursos da nossa língua podemos estabelecer ligações entre o que foi dito com o que se quer dizer na próxima frase ou oração.

Depois de os alunos responderem todas as questões de compreensão e reflexão do texto, o professor fez comentários e correções da prova de Língua Portuguesa que havia aplicado na semana anterior. Discutiram sobre os erros e acertos, tirando todas as dúvidas sobre as questões.

Em seguida o professor fala sobre a linguagem moderna, (assunto relacionado à prova) o modo como se expressam na modernidade diferentemente de um tempo atrás, ou seja, sobre as variantes linguísticas que surgiram. Ele explica que a prova tinha cinco questões de interpretação de texto e cinco questões de gramática e que 70% da turma se saiu bem nas questões de interpretação, porém, a maioria da turma não compreendeu direito as questões gramaticais. Mas enfim, o

professor discutiu todas as questões explicando como se chegaria à resposta correta.

De fato o professor muito se esforça para trabalhar a gramática de forma contextualizada, porém, os estudos contemporâneos advertem que o texto como pretexto para uma abordagem gramatical ainda não é o melhor caminho a ser seguido para um ensino e aprendizagem efetivamente produtivo. É preciso voltar o olhar para situações reais de uso da língua, priorizando o ato discursivo, a interação verbal entre os falantes. O trabalho com o texto é importante, mas temos que priorizar e levar a prática discursiva para a sala de aula. O discurso ainda é a melhor forma de praticar e aprender a língua, e reafirmamos que, é através do discurso (fala) que podemos desenvolver um ensino de forma a perceber e adequar a linguagem às situações reais de uso.

### **3.2 O que dizem os questionários?**

No intuito de atingir os objetivos desta pesquisa, construímos um questionário que foi aplicado ao professor pesquisado, no qual traz questões acerca de sua prática em sala de aula.

Nosso primeiro questionamento realizado ao professor foi em relação à formação. O mesmo respondeu que é pedagogo, com especialização em psicopedagogia e ainda citou cursos sobre Análise do Discurso, Gramática no contexto e Uma Gramática, uma Construção, como alguns cursos realizados na área de ensino de línguas. Podemos observar, então, que o professor não tem formação na área que leciona, embora tenha cursos de especialização da área de línguas, como ele citou, possui curso sobre “análise do Discurso; Gramática no contexto; e Uma Gramática, uma construção. O professor não possui licenciatura em Língua Portuguesa, mas, leciona essa disciplina há doze anos.

Dando continuidade a nossa pesquisa, perguntamos como ocorre o ensino de gramática em suas aulas, e ele respondeu dizendo que trabalha de forma dinâmica e o conteúdo aplicado considera atividades reflexivas e contextualizadas, mas que às vezes recorre ao tradicionalismo, pois considera necessário para que o aluno aprenda. Eis a resposta do professor pesquisado:

Buscando novas formas de abordar a gramática, o mais dinâmico possível, ministrando o conteúdo de forma reflexiva em atividades contextualizadas, interdisciplinares, individuais ou coletivas de forma que o aluno possa conhecer as variedades da língua através de pesquisas, nas quais envolvam leitura e produção textual, desta forma construirá o seu próprio conhecimento linguístico. É preciso reconhecer que durante o transcorrer do ensino aprendizagem recorreremos com frequência aos conceitos normativos da gramática tradicional buscando fixar de forma mecânica “determinados conhecimentos” gramaticais.

Podemos perceber que o professor recorre, muitas vezes, ao ensino tradicional, que, segundo ele, ver essa prática como necessária. De acordo com o que discutimos em nosso trabalho, compreendemos que a gramática é importante, ela é necessária, porém, o modo de ensiná-la é o que vem sendo questionado, refletido e analisado atualmente, pois o modo mecânico (tradicional) de ensiná-la não obtém, muitas das vezes, os objetivos do ensino desejados, visto que, é primordial desenvolver no aluno a competência discursiva e comunicativa. Quando perguntamos com qual ou quais concepções de gramática ele tem trabalhado, o porquê e como, a resposta não atendeu ao que pretendíamos e achamos pertinente saber, porém, ele diz que:

A gramática por si só, evidentemente não é suficiente para a aprendizagem prática da língua, porque o saber falar de uma língua não é só ter competência gramatical (domínio de regras) correspondente a esta língua. O nosso dever enquanto professores, é, sobretudo, ensiná-la oferecendo ao aluno condições de adquirir competência para usá-la de acordo com a situação vivenciada. Não é com teoria gramatical que ela concretizará o seu objetivo, pois isto leva os estudantes ao desinteresse pelo estudo da língua, por não ter condições de entender o conteúdo ministrado em sala de aula, resultando assim frustrações, reprovações e recriminações. Considero que a gramática não deve ser tida como uma verdade única, absoluta e acabada, seus conceitos é que devem ser reavaliados para se adequar ao funcionamento da língua, propondo atividades contextualizadas.

O professor defende o uso da gramática em sala de aula, porém afirma que a gramática de forma tradicional não deve ser entendida como verdade única, e os conceitos sobre ela devem ser reavaliados, adequando as situações de uso. E então perguntamos se em suas aulas, ele tem priorizado o ensino de gramática e por quê, ele afirmou que sim e justifica:

Sim. Pela necessidade do fomentar nos alunos uma gramática prazerosa vista de forma diferente da que é apresentada aos estudantes como um conjunto de normas a ser seguida tanto para a escrita como para a fala. Obrigação. O aluno só interioriza o conhecimento da estrutura gramatical, se ela for contextualizada em situações reais ou contextos comunicativos.

O professor diz que prioriza o ensino de gramática, pois acredita ser importante que através desse ensino, de forma contextualizada, o aluno interiorizará ou aprenderá sobre a língua. O mesmo defende a contextualização no ensino de gramática em situações reais de comunicação e que só assim o aluno aprenderá sobre a estrutura gramatical. E, por último, quando perguntamos se ele considera que o trabalho desenvolvido com a gramática em sala de aula tem contribuído para formação do sujeito contemporâneo, por quê e como, o mesmo afirma:

Acredito que sim. A língua evolui à medida que atende a determinados contextos, desse modo e não distante desse processo nós professores temos que compreender que o aluno é um sujeito que constrói a sua história, e o ensino de gramática deve propiciar essa interação com as situações vivenciadas pelo mesmo no processo de ensino/aprendizagem. Não basta, portanto, saber as regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases entre outras. Tudo isso é necessário, mas não é o suficiente. É necessário para uma comunicação eficaz, contextualizar como disse anteriormente.

Ao responder o questionamento, o professor afirma que o seu trabalho com a gramática é contextualizado, e defende que para o desenvolvimento do aluno e das aulas de Língua Portuguesa, não basta saber regras gramaticais, e que a língua evolui e nós professores temos que ter essa visão e adequá-la a determinados contextos, reconhece ainda o aluno como sujeito ativo, e que o ensino de gramática deve propiciar essa interação.

### **3.3 Os achados na observação X os achados nos questionários**

Ao nos depararmos com os achados de nossa observação e o que pudemos perceber nas respostas dadas aos questionamentos realizados ao professor pesquisado, sentimos a necessidade de, mais uma vez, expormos nossas impressões. Por isso, a construção deste tópico. Dessa forma, queremos compreender até que ponto as práticas metodológicas e o discurso do professor observado condizem ou se contrariam.

Assim, nossas impressões se voltam para a compreensão de que, algumas vezes, parece que existe em algumas aulas ministradas e por parte do professor (em algum momento) a supervalorização do ensino puramente prescritivo e tradicionalista, e em outros a consciência e o desejo de trabalhar a gramática através da interação e sistematização do uso da Língua Portuguesa. Isso ocorre

quando ele reconhece que a língua evolui à medida que atende a determinados contextos e que a forma de ensiná-la tem que acompanhar essas mudanças, mas, no entanto, trabalha priorizando a prescrição gramatical quase que frequentemente.

Outro momento que podemos nos ancorar para o que estamos afirmando é quando verificamos, logo nos primeiros dias de observação, que a gramática foi introduzida nas aulas de forma a identificar e classificar os conteúdos abordados. Entretanto, o professor diz em seu discurso que a gramática deve ser apresentada de modo a atender as necessidades do aluno e de maneira prazerosa.

Quando perguntamos como ocorrem as aulas de gramática, ele respondeu que procura novas formas de abordar a gramática, o mais dinâmico possível, ministrando o conteúdo de forma reflexiva em atividades contextualizadas, interdisciplinares, sejam elas individuais ou coletivas, de forma que o aluno possa conhecer as variedades da língua através de pesquisas, nas quais envolvam leitura e produção textual, no entanto, durante o tempo de observação não aconteceu dessa forma, a leitura era presente, porém, pouco se trabalhou com a produção textual em suas aulas.

Verificamos, também, que, em algumas vezes, o texto é utilizado como pretexto para abordar a gramática e o professor chega a dizer que prioriza o ensino de gramática, pois acredita ser importante, que através desse ensino, se referindo ao ensino de gramática “contextualizado”, o aluno interiorizará, e aprenderá sobre a língua. No entanto, é entendido que ser contextualista não significa usar o texto apenas como pretexto para uma abordagem gramatical, e sim utilizar situações em que a comunicação entre os indivíduos seja o objetivo a ser desenvolvido na aula.

Percebemos que o professor possui um certo conhecimento sobre as necessidades de mudanças na forma de ensino de língua. Ele afirma ser necessário voltar o olhar para o aluno concebendo-o como um sujeito ativo na sociedade em que vivemos, diz que “nós professores temos que compreender que o aluno é um sujeito que constrói a sua história, e o ensino de gramática deve propiciar essa interação com as situações vivenciadas pelo mesmo no processo de ensino/aprendizagem”. Mas, ao trabalhar a gramática através dos gêneros textuais (crônica e memórias), não valorizou, ou mesmo não utilizou o trabalho com o gênero dando prioridade aos aspectos formais da língua.

Dessa forma verificamos que, embora o professor tenha o conhecimento que o ensino de gramática pode contribuir para a formação social, intelectual e pessoal

do sujeito, em alguns momentos, na maioria, o conduz dando prioridade as atividades que objetivam a aprendizagem de fixação de regras da norma culta da Língua Portuguesa. Isso possivelmente, acontece, pelo fato da sua formação profissional não ser da área em que atua. Daí surge outras questões recorrentes, por que o professor ainda não realizou segunda licenciatura? – PARFOR por exemplo, já que sua atuação docente é de professor de Língua Portuguesa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa objetivamos compreender como ocorre o ensino de gramática na escola pública e quais suas contribuições para a formação do sujeito contemporâneo, pois acreditamos ser a temática de suma importância para educadores ou mesmo àqueles que têm interesse sobre a área.

A pesquisa realizada com o professor de Língua Portuguesa de uma escola pública, de uma cidade do Rio Grande do Norte, revelou que, embora o docente conheça as propostas para melhorias no ensino de língua, a maioria das vezes trabalha grande parte do tempo de suas aulas, o ensino de gramática. Ensinar a gramática é algo positivo, porém, o problema encontrado é que este trabalho ainda consiste na classificação, nas nomenclaturas e exercícios repetitivos com o fim de memorização de regras por parte dos alunos.

Ao refletirmos analiticamente sobre o nosso *corpus*, chegamos à compreensão de que o ensino de gramática, tem seguido a tradição, visto que o mesmo ainda tende a privilegiar a gramática normativa, com grandes preocupações com as normas e regras gramaticais ditadas pela norma culta da língua. Na prática observada, a gramática é o principal tema da aula.

No entanto, o professor demonstra noção de alguns conhecimentos das novas tendências propostas para esse ensino e para trabalhar a gramática de forma contextualizada, priorizando as situações de comunicações, e apesar do referido professor não ter formação na área que atua tem uma boa compreensão relacionada a questões de adequações e transformações da língua e entende que o ensino precisa acompanhar essas mudanças.

Vale salientar que o profissional pesquisado se mostra preocupado com a inovação do ensino de gramática. Isso se comprova quando verificamos que o mesmo tem alguns cursos da área de línguas e é psicopedagogo. Mesmo assim, persistem resquícios da gramática normativa em sua metodologia de ensino, ou seja, persiste a supervalorização da norma padrão. Isso ocorre, talvez, porque somos frutos de uma metodologia tradicional e não é possível romper, tão de repente, com o tradicional ensino de gramática que prevaleceu/prevalece durante tanto tempo.

É pertinente destacar que, apesar das conclusões apresentadas aqui, não podemos esquecer que o professor pesquisado muito tem se esforçado para

acompanhar os avanços educacionais. É um profissional competente, que busca se informar sobre os avanços no ensino de língua portuguesa, que busca melhorar suas práticas, e isso é algo positivo, pois ele, mesmo se contradizendo em algumas práticas com relação ao seu discurso, influenciado pelo seu aprendizado tradicional, talvez, reconhece a necessidade de mudança no ensino de línguas frente aos estudos da contemporaneidade. Se todos os professores pensassem dessa forma, e de fato procurassem inovar, o ensino de Língua Portuguesa melhoraria muito, pois, a partir do momento em que o aluno percebe que está aprendendo algo útil para sua vida, o interesse aumenta e o resultado do trabalho é mais gratificante.

Portanto, salientamos que nossa pesquisa nos direciona a compreendermos que na turma pesquisada o ensino de gramática parece ainda seguir uma concepção na qual o ensino de gramática utilizado/valorizado privilegia a gramática normativa e que isso pode continuar sendo uma porta aberta para que nossos alunos sejam formados como fomos. Espera-se que este trabalho tenha contribuído para ampliar as discussões sobre a temática.

Nossa pesquisa ainda aponta para o fato da falta de formação específica por parte dos profissionais que atuam na área e a necessidade de uma política de formação inicial e continuada, o que abre porta para outra linha de pesquisa, com questões sobre a formação docente. Pretende-se a continuidade deste trabalho através de estudos futuros.

## 5 REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Papyrus, 2001.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. 1ª a 5ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1968.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa**. São Paulo, Ed. Loyola, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 3ª Ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. – São Paulo: parábola editorial, 2011.
- FRANCHINI, Carlos. “**Mas o que é mesmo ‘Gramática?’**”. In: LOPES, Harry Vieira *et al.* (orgs.) **Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade**. São Paulo: Secretaria de Educação/Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógicas, 1991.
- MATTA, Sozângela Schemim da – **Português – Linguagem e interação** – Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 2001.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. – Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2002.
- SILVA, W. **A prática de análise linguística no livro didático: uma proposta pós-PCN**. In: *Trabalhos em lingüística aplicada*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2004.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- TRAVAGLIA, Luiz. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. -14. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

## ANEXOS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – (UERN)

CAMPUS AVANÇADO DE PATU – (CAP)

DEPARTAMENTO DE LETRAS – (DL)

CURSO DE LETRAS

### QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

1 Qual sua formação profissional?

( ) Graduação

Especificar:

( X ) Pós Graduação

Especificar:

R.: Psicopedagogia

( X ) Cursos na área que leciona

Especificar:

R.: Análise do Discurso, Gramática no contexto e Uma Gramática, uma Construção.

2 Há quantos anos leciona a disciplina de Língua Portuguesa?

R.: Há 12 anos

3 Discorra como ocorre o ensino de gramática em suas aulas?

R.: Buscando novas formas de abordar a gramática, o mais dinâmico possível, ministrando o conteúdo de forma reflexiva em atividades contextualizadas, interdisciplinares, individuais ou coletivas de forma que o aluno possa conhecer as variedades da língua através de pesquisas, nas quais envolvam leitura e produção textual, desta forma construirá o seu próprio conhecimento linguístico. É preciso

reconhecer que durante o transcorrer do ensino aprendizagem recorreremos com frequência aos conceitos normativos da gramática tradicional buscando fixar de forma mecânica “determinados conhecimentos” gramaticais.

4 Com qual ou quais concepções de gramática você tem trabalhado? Por quê? Como?

R.: A gramática por si só, evidentemente não é suficiente para a aprendizagem prática da língua, porque o saber falar de uma língua não é só ter competência gramatical (domínio de regras) correspondente a esta língua. O nosso dever ENQUANTO professores é, sobretudo, ensiná-la oferecendo ao aluno condições de adquirir competência para usá-la de acordo com a situação vivenciada. Não é com teoria gramatical que ela concretizará o seu objetivo, pois isto leva os estudantes ao desinteresse pelo estudo da língua, por não ter condições de entender o conteúdo ministrado em sala de aula, resultando assim frustrações, reprovações e recriminações. Considero que a gramática não deve ser tida como uma verdade única, absoluta e acabada, seus conceitos é que devem ser reavaliados para se adequar ao funcionamento da língua, propondo atividades contextualizadas.

5 Em suas aulas você tem priorizado o ensino de gramática? Por quê?

R.: Sim. Pela necessidade do fomentar nos alunos uma gramática prazerosa vista de forma diferente da que é apresentada aos estudantes como um conjunto de normas a ser seguida tanto para a escrita como para a fala. Obrigação. O aluno só interioriza o conhecimento da estrutura gramatical, se ela for contextualizada em situações reais ou contextos comunicativos.

6 Você considera que o trabalho que você desenvolve com a gramática em sala de aula tem contribuído para formação do sujeito contemporâneo? Por quê? Como?

R.: Acredito que sim. A língua evolui a medida que atende a determinados contextos, desse modo e não distante desse processo nós professores temos que compreender que o aluno é um sujeito que constrói a sua história, e o ensino de gramática deve propiciar essa interação com as situações vivenciadas pelo mesmo no processo de ensino/aprendizagem. Não basta, portanto, saber as regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases entre outras. Tudo isso é necessário, mas não é o suficiente. É necessário para uma comunicação eficaz, contextualizar como disse anteriormente.